



VOZ de ANTAS

JANEIRO-FEVEREIRO 85
3.ª Série — Ano VII — N.º 85

Depósito Legal N.º 1886/84

ORTE PAG
TAXA PAGA
4740 ESPOSEN

BOLETIM PAROQUIAL — ÓRGÃO DE INFORMAÇÃO DO PROGRESSO DA NOSSA TERRA

DIRECTOR e EDITOR
M. Brito Ferreira

ADMINISTRADOR
A. Faria

Propriedade da Fábrica
da Igreja Paroquial de
S. PAIO DE ANTAS

Redacção:
CENTRO PAROQUIAL
Telef. 87438/130/357

Fotocomposição e Ofset:
Tip. Diário do Minho — BRAGA

MILHARES RESPONDERAM AO APELO

Jovens da Arquidiocese de Braga caminharam juntos com a Paz



O Ano Internacional da Juventude foi inaugurado na Arquidiocese de Braga com uma espectacular concentração de jovens.

Mais de 10 mil jovens, vindos de todos os arceparquias da Arquidiocese, confluíram na terça-feira nesta cidade, respondendo ao apelo do Secretariado Diocesano da Pastoral Juvenil.

Era o primeiro dia do Ano Internacional da Juventude e o Dia Mundial da Paz, dois temas e duas realidades que a Mensagem do Papa João Paulo II conjugou numa forma profunda e interpelativa.

Os jovens concentraram-se na Avenida Central e dali partiram em jeito de manifestação, que designaram de «Maratona da Paz», para a Igreja de S. Lázaro. Empunhavam grandes cartazes



ou pequenos dísticos indicando a paróquia donde vinham e anunciando, de forma visível, mensagens de Paz porque «A Paz e os jovens caminham juntos» (Mensagem do Papa).

Da Paz e das suas várias dimensões e implicações — fraternidade, justiça, amor, pão... — falavam com entusiasmo as canções que os vários grupos entoavam.

Os transeuntes, talvez no seu passeio digestivo, naquela tarde de claro sol, paravam surpreendidos pela enorme multidão de jovens e despetos pelo eco combinado de tantas vozes e de tão diversas melodias.

Algumas das canções eram acompanhadas de bater-de-palmas ritmado, com um entusiasmo e júbilo que impressionavam.

• A IGREJA DE S. LÁZARO «TRANSBORDOU»

Já muitos jovens haviam entrado na igreja de S. Lázaro e a longa marcha ainda se estendia por toda a Avenida da Liberdade até ao ponto Norte, junto do Banho de Portugal.

— Segue na pág. 4

Enterros e Mortórios em S. Paio D'Antas nos tempos que já lá vão

II — Devoções, usos e costumes

Das fontes que possuímos referentes aos últimos quatro séculos da história da nossa freguesia, como sejam o Livro dos Usos e Costumes (fragmento), os Livros dos Testamentos, os Livros das Visitas e os Livros dos Assentos, podemos recolher um leque de usos e costumes sobre o culto dos nossos mortos,

que, se não é evidentemente exaustivo, é pelo menos uma boa informação do sentir e do reagir da nossa gente diante deste mistério da morte.

Quatro séculos é muito tempo e nem todos os costumes que vigora-

— Segue na pág. 8

A propósito da abertura do Ano Internacional da Juventude os Bispos de Portugal enviaram aos jovens uma mensagem. Respigamos alguns parágrafos desse documento.

«O Ano Internacional da Juventude é fundamentalmente vosso: é para vós e será feito por vós e convosco. Mas, se sois vós os primeiros beneficiários, ele visa igualmente o bem de toda a sociedade. Aliás, já tendes a experiência de que só é feliz quem torna os outros felizes. E nós sabemos como a sociedade em que vivemos precisa daqueles valores que em vós são natos e comunicativos: a pureza de intenção, o serviço gratuito, o optimismo confiante, o espírito fraterno e a alegria de viver.

«Procurai descobrir e reali-

SEDE JOVENS!

zar o vosso carisma de jovens nas várias instâncias da sociedade a que pertenceis, desde o círculo restrito da família de sangue à grande família humana. Vós já superastes a insegurança da adolescência, mas tendes problemas muito próprios, que não esqueçamos, como os da família e do amor, do trabalho e da cultura. Porém, estais ainda bastante imunes dos traumatismos e compromissos que tanto marcam os adultos nas duras experiências da vida. Sois, por isso, naturalmente sensíveis aos grandes ideais, tendes um apurado sentido crítico, estais livres para denunciar o

que está mal, mantendes viva a esperança no futuro, sois capazes de opções e entregas generosas que decidem os rumos da vida. Jovens, sede jovens! É disso que o mundo de hoje mais necessita.

«Actualmente, em Portugal, são muitos os jovens cristãos que, através de grupos de base paroquial, de movimentos católicos, das aulas de Religião e Moral e de outros meios, procuram aprofundar o conhecimento de Jesus Cristo, aderem à sua proposta de vida e se comprometem na construção de um mundo mais humano e mais cristão. A vós, jovens que vos tendes neste número, queremos saudar e exprimir o nosso apreço pela seriedade da vossa busca, generosidade do vosso serviço e sentido de responsabilidade de que dais provas».

MEMÓRIAS DA NOSSA TERRA

A Capela de Santo Amador

A Capela de Santo Amador pertence a S. Paio d'Antas mais como recordação do que como história; é certo que o documento que a ela se refere a situa «entre os limites da freguesia de S. Flus de Belinho e de S. Paio», dando portanto iguais direitos às duas freguesias; mas o arquivista do velho cartório da Sé de Braga arrumou-a na freguesia de Belinho. A verdade, porém, é que tudo o que hoje recorda essa capela foi S. Paio que o herdou. Temos de facto em nosso crédito, a boca de Santo Amador onde a capela se situava, a cruz de Santo Amador (já só com três braços) erguida sobre o muro da Quinta de Belinho, junto da Estrada Velha, e temos o cruzeiro que a tradição atribui à mesma capela e que actualmente se encontra no sopé do monte da Cividade, junto à estrada que da Senhora dos Remédios sobe para o lugar de Belinho. É portanto legítimo considerar esta capela como uma relíquia do nosso património histórico.

É bem possível que a capela se situasse já dentro do terreno da actual quinta de Belinho e que o fidalgo da Quinta ao construir os seus muros quisesse respeitar a memória da capela, ali deixando a sua cruz. De facto, aquela cruz tem escrito do lado de dentro o nome de Santo Amador e do lado sul a data de 1687 mais uns dizeres que a dificuldade de acesso não me permitiu desvendar.

— Segue na página 5

MOTOCICLISMO

ALEXANDRE LARANJEIRA

— um português campeão em França, triunfa no seu País

Campeão da zona norte de França em 82. Segundo classificado em 125 cm³ no XXVII Circuito de Vila do Conde, sétimo da geral. Vencedor em Sines, na prova-fecho do campeonato da Europa em 250 cc.

Eis algumas das coordenadas de Alexandre Laranjeira, um motociclista internacional nascido há 26 anos na freguesia de Antas, neste concelho, e emigrado para França quando era ainda miúdo.

Um pouco de história

Para chegar onde chegou, este jovem percorreu quilómetros de sofrimento, próprios da carreira de um desportista, desde a longínqua data de 68, em que partiu para Orléans.

Aos 16 anos o pai ofereceu-lhe uma motorizada, a primeira que teve, para que o Alexandre pudesse... ir trabalhar. Engraçado que nessa época, recorda o ex-campeão, «era o futebol o meu desporto favorito». O «bichinho» das competições só viria muito mais tarde.

O «Alho Porro»

Todos os anos um clube de Orléans organizava uma mostra de carros e motos dos seus pilotos, oportunidade para os aficionados da modalidade verem e contactarem os seus «ídolos». Nesse salão, Alexandre Laranjeira teve oportunidade de falar com J. C.

— Segue na pág. 8



Panorama Paroquial 84

Como em anos anteriores, faz-se brevíssima resenha do que de mais importante aconteceu na Comunidade Paroquial. São notas simples, um pouco desconexas e forçosamente incompletas. Muitos dos factos, aliás, já foram referenciados em «V.A.».

Baptismos



Há 100 anos — 38
Meninas: 16
Meninos: 22

Em 1983 — 41
Meninas: 20
Meninos: 21

Em 1984 — 40
Meninas: 21
Meninos: 19

Os pais atentos devem registá-los como nascidos em Antas... No ano findo, ficaram naturais de:

Antas, 21; Forjães, 1; Esposende, 3; Fão, 3; V. do Castelo, 3; e França, 9.

Casamentos



Há 50 anos, 15; há 25 anos, 15; em 1983, 19; e em 1984, 21.

— Casaram fora da terra natal, 10 rapazes. De fora da terra para casar na nossa igreja paroquial, 13.

— Se fossem somados em minutos, os atrasos verificados nos 21 casamentos do ano findo, teríamos 13 horas de atraso. Para este mal (des)necessário haverá a solução seguinte: os noivos marcarão a hora que melhor lhes convier. Em contrapartida exige-se-lhes pontualidade. Ser-lhes-á concedida uma tolerância máxima de 10 minutos...

O atraso na demora da praxe poderá traduzir-se em deselegância e falta de respeito pela pessoa do próximo, quer seja quer não convidado.
— Quem se recorda do tempo da paroquialidade do P. António Dias Ferreira?!...

Óbitos



É sempre assim: quando chega Dezembro, o inevitável mês de todos os balanços, verificamos que muita gente ficou pelo caminho. Crianças, jovens, adultos, velhos.

Nomes habituados à nossa familiaridade. Entramos em 1985, paremos, um momento, em 1985, para recordar os mortos de todo o ano que há dias findou:

- Paulo Jorge Rolo Salgueiro — Cima — c/ 4 anos.
- Rui Dinis Viana Meira da Cruz — Pereira — c/ 4 anos.
- Adélio Círculo Laranjeira Rolo — Azevedo — c/ 18 anos.
- Adriano Alves Arezes — Guilheta — c/ 49 anos.
- Celina Meira Crespo — Pereira — c/ 56 anos.
- Maria da Glória Silva e Costa — Guilheta — c/ 67 anos.
- Rosa Gonçalves Manso — Guilheta — c/ 74 anos.
- António Alves de Azevedo — Azevedo — c/ 75 anos.
- Albina Alves da Cruz — Monte — c/ 82 anos.
- José Gonçalves Rolo — Guilheta — c/ 83 anos.
- Maria Alves Rolo — Belinho — c/ 85 anos.
- Maria Alves de Azevedo — Azevedo — c/ 86 anos.

- Maria Lourenço de Faria — c/ 87 anos.
- Teresa Dias — Belinho — c/ 89 anos.

- Ana de Jesus de Almeida Torres — Azevedo — c/ 90 anos.
- Júlia Maltez Torres — Guilheta — c/ 91 anos.
- Justina Alves da Cruz Viana — Azevedo — c/ 93 anos.
- Em 1983 — 15 mortos.
- Em 1984 — 17 mortos.

- Crianças, 2; Homens, 5; e Mulheres, 10.
- Fora da terra natal, morreram:
- Brasil: Walter Alvarães Cruz (desistiu de viver aos 27 anos).
- Argentina: Ibílio da Costa Cruz, 71 anos; Manuel Moreira da Cruz, 52 anos; Hilário Azevedo e Sá, 50 anos; Hermes Rodrigues da Costa, 71 anos; e João Horácio Barbosa, 84 anos.

Estes fecharam o círculo da prova da existência requerido por Deus, no ano 1984. Que Deus os tenha na Companhia dos Justos no Céu.

Assim, um após outro, vão desaparecendo do nosso convívio os já poucos Homens e Mulheres, pessoas-modelo da sociedade em que fomos criados. Sentimo-nos como que defraudados cada vez que vemos partir mais um. «O respeito pelo semelhante, consequência imediata do respeito por si próprios, foi a base de toda a formação moral e cívica desses nossos antecedentes».

— O engenho infernal, máquina suicida, a motorizada fez uma vítima (em 1984).

— O dinheiro para repousos/obras será aplicado em missas a mandar celebrar.

«Voz de Antas»

Continuará. No ano findo apenas se fez ouvir 5 vezes. Um numeroso coro de «Caloteiros» não a deixou sair mais vezes. Esperemos que não aconteça o mesmo neste novo ano. Cada assinatura mantendrá os 250\$00 no mínimo e, daí para cima, cada um faça como puder e quiser; o mesmo se diga para os

emigrantes, a partir do mínimo de 300\$00.

— Cada foto publicada no jornal voltará ao preço de 1.000\$00, o que irá aliviar os encargos.

— Cada número do jornal custa uma média de 45 contos.

JAEOLA

Apenas se consideraram sócios os que puseram as cotas em dia até 31 de Dezembro do ano findo. Os que a não pagaram, não terão direito a reclamar... direitos que não têm.

Ring Gimnodesportivo

Sempre esteve aberto a quem lá quis jogar. E está. É pena estar tão pouco movimentado. Por quê?

As toneladas de cimento lá investidas não-de ser rompidas, ao longo dos anos, por nós e pelas gerações vindouras. O investimento foi útil. Mas, agora, veja-se: A JAEOLA com o apoio da C. Fabricadora construiu-o. O povo cristão e devoto da igreja deu a sua ajuda.

Gastaram-se largas centenas. Foi certo. Pagaram-se. Não se deve nada. Agora, gasta-se:

— Aluguer do contador da luz, 2.000\$00 mensais x 12 = 24 contos por ano.

— Quando necessário, substituição de lâmpadas, reparação dos balneários, etc. Despesas de conservação e manutenção. Ficam a pergunta: quem paga essas despesas? Onde cobrar receita?

Sempre que lá se organizarem torneios, jogos ou outros espectáculos com bilheteira, terá de haver um aluguer do Ring, ainda que simbólico, para ajudar a custear as despesas.

Quando houver entrada gratuita aos jogos, nada haverá a pagar. «Ninguém pagará nada a ninguém».

— O Bar Paroquial nada tem a ver com o Ring.

Cavaleiro da Imaculada

Continuará a ir a todas as casas, em distribuição gratuita. Se alguém quiser dar, livre e voluntariamente, uma ajuda monetária para apoio ao Apostolado da Boa Imprensa, no Porto, onde o jornal «Cavaleiro da Imaculada» é feito, poderá contactar com Jorge Cruz Neiva, L. Monte.

— O Escutismo ressurgiu. Um êxito para a juventude.

— Houve Curso de Iniciação para Catequistas. Os resultados vêm-se — catequese bem organizada e feita com seriedade e competência.

— A Banda de Música estreou-se a tocar e a «malhar»...

SALDOS DAS FESTAS

A Comissão de Festas de Nossa Senhora da Guia, Apúlia (Esposende), prestou contas à Comissão Fabriqueira, referentes às solenidades realizadas em 1984.

Receita: 1.357.315\$00. Despesa: 1.178.873\$00. Houve um saldo positivo de 178.442\$00 que foi entregue à Comissão Fabriqueira, conforme é determinado pelas normas da Igreja.

Está de parabéns a Comissão por ter levado ao fim a missão, mas principalmente por cumprir, sem resmungos, as determinações da Santa Igreja.

Em S. Bartolomeu do Mar, a Comissão de Festas entregou à Comissão Fabriqueira cerca de meio milhão de contos de saldo Cumpriram exemplarmente, não levantaram problemas nem questões. Sabia disto?

FESTAS SANTA MARINHA

Já estão contratadas as bandas de música: Trofa e Pevidém para o dia 17; Melres e Lousada para o dia 18 de Julho.

HOMENAGEM PÓSTUMA A RODRIGUES FARIA

No dia 23 de Dezembro de 1984, a freguesia de Forjães prestou justa homenagem ao seu ilustre filho, António Rodrigues Alves de Faria.

Do programa constou uma parte recreativa, no sábado, dia 22; no domingo, dia 23, recepção às autoridades convidadas, Celebração na Igreja Paroquial com a participação dos sacerdotes que foram alunos da Escola; romagem ao cemitério; inauguração do busto de António Rodrigues Alves de Faria; uma sessão solene e convívio.



EURICO DIAS NOGUEIRA, POR MERCÊ DE DEUS E DA SANTA SE APOSTOLICA, ARCEBISPO DE BRAGA E PRIMAZ DAS ESPANHAS

Fazemos saber que, atendendo ao que nos foi requerido, HAVEMOS POR BEM designar como ministro extraordinário da Comunhão, com as atribuições que a actual disciplina da Igreja, DOMINGOS MARTINS LEDO

residente em ...

ao serviço da comunidade paroquial (ou religiosa) de ...

... com validade para toda a Nossa Arquidiocese.

No desempenho do seu múnus não esquecerá que exerce um elevado serviço em favor da comunidade, contribuindo assim para a edificação da Igreja, e sobretudo que «há-de procurar tornar-se digno desta grande função, cultivar a piedade para com a SS.ma Eucaristia e dar testemunho, diante dos outros fiéis, de devoção e respeito para com o augustíssimo sacramento do altar» (Instr. «Immense Caritatis»).

Acreditando que a Eucaristia, celebrada sob a presidência do Bispo ou em comunhão com Ele, é o acontecimento fulcral da Igreja, sinal e fonte da fé, da esperança e do amor em Cristo, bem como da unidade do povo de Deus, deverá procurar que a comunhão sacramental, no ritual e nas circunstâncias da sua distribuição, manifeste e favoreça sempre a referência à Palavra e Sacramento da celebração eucarística, no próprio acto litúrgico ou como sua continuação.

Terá presente também o disposto na Instrução «Immense Caritatis» e nas Normas Diocesanas, e nomeadamente que este serviço extraordinário deve ser exercido em plena coordenação com o responsável pastoral da comunidade própria.

Esta Nossa provisão será válida por três anos, até ao próximo curso.

Dada em Braga, sob o Nosso Sinal e o Selo das Nossas Armas, aos ... de ... de 19... 84

João Gonçalves de Faria

Registo N.º

HÁ 100 ANOS NASCERAM EM 1885:

- 8 Janeiro: José, filho de Manuel Fernandes Rolo e Rosa Gonçalves Eiras.
- 16 Janeiro: José, filho de José Pereira de Barros e Teresa Pires Laranjeira.
- 18 Janeiro: Maria, filha de João Alves e Maria Alves Rolo.
- 21 Janeiro: Aurélio, filho de José Ribeiro Carriço e Maria Fernandes.
- 28 Janeiro: Maria, filha de António Gonçalves Rolo e Rosa Meira.
- 4 Fevereiro: Rosa, filha de Domingos Alves da Costa e António de Azevedo.
- 14 Fevereiro: João, filho de João Gonçalves Caramalho e Ana de Vilas Boas.
- 27 Fevereiro: Augusto, filho de Manuel Gonçalves da Torre e Antónia Rodrigues da Costa.
- 1 Março: Manuel, filho de Rosa Rodrigues Coutinho.
- 1 Março: Maria, filha de Maria Fernandes.
- 29 Março: António, filho de Manuel Fernandes Gomes e Teresa Martins.
- 13 Abril: José, filho de Manuel Dias da Costa Lima e Rosa Gomes de Matos.
- 12 Abril: Manuel, filho de José

- Afonso de Sampaio e Maria José Vaz de Almeida Torres.
- 21 Abril: Albino, filho de António Pires Laranjeira e Rosa Alves.
- 25 Abril: Domingos, filho de Manuel Pires Laranjeira e Maria Lourenço de Faria.
- 3 Maio: Maria, filha de Francisco Martins Vitorino e Maria Gonçalves Cardante.
- 12 Maio: José, filho de Francisco Gonçalves Cardante e Maria Alves da Cruz.
- 14 Maio: Albina, filha de Maria Rosa Alves.
- 16 Maio: Manuel, filho de Mariana Fernandes.
- 4 Junho: Angelina: filha de José Pires Laranjeira e Maria Meira.
- 3 Junho: Ana, filha de António Gonçalves Cardante Pereira e Rosa Martins.
- 10 Junho: António, filho de João Gonçalves Viana e Maria Ribeiro Agra.
- 4 Julho: Manuel, filho de João Martins Jorge e Ana Gonçalves.
- 5 Julho: José, filho de Manuel Gonçalves de Carvalho e Ana Fernandes.
- 11 Julho: António, filho de Manuel António Laranjeira e Ana Alves Rolo.

- 22 Agosto: Ana, filha de Teresa Rodrigues Coutinho.
- 29 Agosto: Albino, filho de Teresa Alves da Cruz.
- 31 Agosto: Teresa, filha de Domingos Gonçalves Neiva e Antónia Alves da Cruz.
- 9 Agosto: Maria Cândida, filha de Dr. José Bernardino d'Abreu Gouveia e D. Ignácia da Cunha Sotto Mayor.
- 12 Setembro: Manuel, filho de Aniceto da Cunha Ferreira Antunes e Antónia Rodrigues Viana.
- 17 Setembro: Rosa, filha de Manuel Rodrigues Viana e Rosa Alves da Cruz.
- 19 Setembro: Sebastião, filho de Francisco Fernandes de Sá e Ana Gonçalves Caramalho.
- 10 Outubro: Maria, filha de Custódia Alves Moreira.
- 17 Novembro: Maria Laura, filha de Rosa Alves da Cruz.
- 4 Dezembro: Mariana, filha de Manuel Alves da Cruz e Rosa Alves Rolo.
- 8 Dezembro: Francisco, filho de Manuel Martins Frade e Teresa Rodrigues Meira.
- 29 Dezembro: João, filho de Manuel Gonçalves Caramalho e Maria Meira.

FELIZES OS QUE DORMEM NO SENHOR

PORQUE DESCANSAM DOS SEUS TRABALHOS

A recordação dos nossos mortos é orvalhada pelas lágrimas da saudade e da dor, sempre que pousamos os olhos nas suas campas — última morada: Sentimos a brevidade da vida (sombra que foge); topamos a caducidade das coisas do mundo; reconhecemos a igualdade dos homens na morte, meditamos no nada que somos e reconhecemos com coragem que só as obras belas — obras do verdadeiro Amor — perduram e ultrapassam os umbrais da morte.

Orar pelos nossos mortos! Assim, faremos na igreja paroquial ao longo de todos os dias do ano.



JANEIRO	
1 — Terça	• Povo Adélio Lapeiro de Sá e Manuel Alves da Cunha
2 — Quarta	• João Martins Ledo e esposa; Maria Pais Lapeiro, marido e filha
3 — Quinta	• Santíssimo Sacramento
4 — Sexta	• L. C. Jesus Dia José Gonçalves Rolo (30.º dia)
5 — Sábado	• Manuel Alves de Azevedo Manuel Alves da Cruz e pais
6 — Domingo	• Povo Jaecoa Amadeu Martins Meira e Maria Rodrigues Meira (Brasil)
7 — Segunda	• Almas do Purgatório
8 — Terça	• Maria da Costa Cruz (Fogueteira) e marido Júlia Martez Torres.
9 — Quarta	• António Gonçalves Neiva e Carlos da Costa Cruz e Maria de Jesus Fernandes de Azevedo
10 — Quinta	• Angelina Rodrigues Meira e marido e Ti Ana
11 — Sexta	• António Eiras de Meira Torres e António Fernandes de Sá Nevrim e Ana Rodrigues Rôla
12 — Sábado	• Manuel Gonçalves Portela e Maria Meira e Francisco Gonçalves Pereira Cardante e Antónia Meira Chasca
13 — Domingo	• Povo Manuel Gonçalves Viana e Teresa Alves da Cruz Moleira Almas Purgatório e Apolinário Rios
14 — Segunda	• Almas do Purgatório
15 — Terça	• Manuel Faria e Maria Alves da Cruz
16 — Quarta	• Domingos Pires Laranjeira e Amélia Rodrigues Meira
17 — Quinta	• Manuel Rodrigues Laranjeira e Belmira da Silva e Cassiano Faria e pai e mãe
18 — Sexta	• Rosa Rodrigues Lapeira e Maria Rodrigues Lapeiro e José Alves da Cunha
19 — Sábado	• António Correia de Oliveira e Maria Adelaide e João Correia d'Oliveira
20 — Domingo	• Povo Familiares falecidos de Maria Pôças José Vicente Pereira
21 — Segunda	• Almas do Purgatório
22 — Terça	• Maria Rolo da Costa Manuel da Costa
23 — Quarta	• Manuel Gonçalves Caramelhe e António e João Caramelhe e Deolinda Rodrigues Meira
24 — Quinta	• Manuel Narciso Novo e Idalina Gomes Cadrada e António Narciso Gomes (filho) 1.º Aniversário de Albina Alves da Cruz
25 — Sexta	• Maria da Piedade Ferreira e Alfredo Dias Ferreira
26 — Sábado	• Custódia Alves Moreira e Carminda Alves Moreira e Manuel Vieira, filho Joaquim Pires Laranjeira Maria Alves Rolo e marido
27 — Domingo	• Povo Padre António Martins Ledo Manuel Gonçalves da Torre
28 — Segunda	• Almas do Purgatório
29 — Terça	• Manuel Dias Vasco Dias da Cunha Manuel Alves de Azevedo (30.º Dia)
30 — Quarta	• Avelino Ferreira e Maria Pereira
31 — Quinta	• Manuel Xavier da Costa e Maria Meira

FEVEREIRO	
1 — Sexta	• S. C. Jesus
2 — Sábado	• Mariana Alves da Cruz e José Gonçalves Neiva Povo
3 — Domingo	• Povo JAEOCA
4 — Segunda	• Almas do Purgatório
5 — Terça	• José Leites da Costa
6 — Quarta	• Rosa Vaz Saleiro e Domingos Martins Frade
7 — Quinta	• Santíssimo Sacramento 1.º Aniversário de Adriano Alves Azeres
8 — Sexta	• David Rodrigues Viana e pais
9 — Sábado	• Pais de Albina V. Carneiro
10 — Domingo	• Povo António Alves Caseiro e Carlos Alves Caseiro Carolina Gonçalves Ribeiro Neves e marido
11 — Segunda	• Almas do Purgatório
12 — Terça	• Irene de Jesus Viana da Silva
13 — Quarta	• Rosa Afonso Vaz Saleiro e Name e pais
14 — Quinta	• António da Costa Pereira e Ana Gonçalves Peres
15 — Sexta	• Rosária Gonçalves Pereira e marido
16 — Sábado	• Manuel Gonçalves Couto e Maria Alves Rolo e Ludovina Alves Rolo
17 — Domingo	• Povo António Afonso Vaz Saleiro e Maria Pereira da Cruz e pais Manuel Gonçalves Rolo Júnior
18 — Segunda	• Almas do Purgatório
19 — Terça	• Felicidade Alves Rolo e Maria Alves Rolo
20 — Quarta	• Carolina Gonçalves Pereira Viana e marido e neto Carlinhos
21 — Quinta	• Antónia Alves da Cruz Viana e marido
22 — Sexta	• 1.º Aniversário de Ana de Jesus de Almeida Torres 1.º Aniversário de Maria da Glória Silva e Costa e David Gonçalves Cardante
23 — Sábado	• Maria das Dores Lourenço Viana e Manuel Pereira Viana
24 — Domingo	• Povo Manuel Gonçalves de Azevedo e esposa
25 — Segunda	• Almas do Purgatório
26 — Terça	• Manuel da Costa Cruz
27 — Quarta	• José António Laranjeira Amaro e esposa
28 — Quinta	• Padre António Martins Ledo

MARÇO	
1 — Sexta	• S.C. Jesus
2 — Sábado	• Zaida Alves Moreira e marido
3 — Domingo	• Povo JAEOCA
4 — Segunda	• Almas do Purgatório
5 — Terça	• José Alves Caseiro
6 — Quarta	• Maria da Conceição Vieira Torres Lima e marido e filho Manuel
7 — Quinta	• Santíssimo Sacramento
8 — Sexta	• José Alves e Aníbal Alves da Cruz
9 — Sábado	• Arménio Pires Laranjeira e esposa e filha
10 — Domingo	• Povo 1.º Aniversário de António Alves de Azevedo
11 — Segunda	• Almas do Purgatório
12 — Terça	• Mariana Gomes de Matos e António Severino
13 — Quarta	• João Cerqueira, Ana e Albina Cerqueira
14 — Quinta	• José Rodrigues; Manuel Fernandes da Venta e Delfina Alves Pedreira e Ana Alves Pedreira
15 — Sexta	• Rosa Alves Moreira e marido

16 — Sábado	• Maria Martins da Torre e José Alves Martins
17 — Domingo	• Povo Amélia Meira Viana e Emílio Meira da Cruz
18 — Segunda	• Almas do Purgatório
19 — Terça	• Alfredo Ribeiro da Costa e Laurinda Pereira de Barros
20 — Quarta	• Ermelinda Ferreira Maia José Meira e Lino Meira 1.º Aniversário de Justina Alves da Cruz Rabadas
21 — Quinta	• Maria Rolo da Costa, marido José da Silva Rita da Silva
22 — Sexta	• Teresa de Jesus Ribeiro Torrinhas e irmã Cándida
23 — Sábado	• António Carvalho Torrinhas e esposa
24 — Domingo	• Povo Ricardina Rolo da Costa e marido
25 — Segunda	• Almas do Purgatório
26 — Terça	• Mariano Martins da Costa Joaquina Martins da Costa
27 — Quarta	• Ana Gonçalves Ribeiro e marido José Alves Azevedo
28 — Quinta	• Padre António Martins Ledo
29 — Sexta	• José de Almeida Torres António Vieira Torres
30 — Sábado	• Manuel Fernandes da Silva Rosa Meira Pascoal Fernandes da Silva
31 — Domingo	• Povo Domingos Gonçalves Neiva e esposa

ABRIL	
1 — Segunda	• Almas do Purgatório
2 — Terça	• Fernando Cruz da Torre Manuel Rodrigues Lameiro
3 — Quarta	• Manuel Alves da Cruz Calçada Albina Queirós dos Santos
4 — Quinta	• Santíssimo Sacramento
5 — Sexta	• S. C. Jesus
6 — Sábado	• Beatriz Coutinho Bedulho e irmão Arlindo Coutinho Bedulho Alzira Rodrigues Coutinho
7 — Domingo	• Povo JAEOCA Domingos Lourenço Pereira, pai, mãe, irmã Rosa e Teresa Meira
8 — Segunda	• Alma do Purgatório
9 — Terça	• Rosa da Cruz Viana; Maria Rodrigues Viana e Justinada Cruz Viana
10 — Quarta	• Arminda Alves Moreira e Maria Alves Moreira
11 — Quinta	• Custódia Alves Moreira João Ribeiro Agra e esposa José Alves Rolo Agra
12 — Sexta	• Manuel Narciso Azeres
13 — Sábado	• João Gonçalves Neiva e António Alves Azevedo Júnior
14 — Domingo	• Povo José Maria da Cruz Coutinho
15 — Segunda	• Almas do Purgatório
16 — Terça	• Maria Lima Rolo Torres
17 — Quarta	• Manuel Martins Meira e Teresa Alves Rolo Maria Alves Rolo
18 — Quinta	• Maria Ribeiro Agra
19 — Sexta	• Manuel Lourenço Faria
20 — Sábado	• Teresa Martins Pereira e marido
21 — Domingo	• Povo Padre Apolinário e Laranjeira
22 — Segunda	• Almas do Purgatório
23 — Terça	• Manuel Fernandes Penteado e filho
24 — Quarta	• Domingos José Eiras Viana Torres Name Alves da Costa Rosa Alves Rolo
25 — Quinta	• Paulo Alves Rolo e filha Irene
26 — Sexta	• Ermelinda Rodrigues Coutinho e filha Maria Rodrigues Coutinho
27 — Sábado	• Cándida Fernandes de Sá e seus pais
28 — Domingo	• Povo Padre António Martins Ledo Maria dos Santos e Mário Marques Dias
29 — Segunda	• Almas do Purgatório
30 — Terça	• António Gonçalves Azevedo e esposa

NECROLOGIA



EMIGRADO EM FRANÇA Inesperadamente faleceu J. Vicente Pereira

José Vicente Pereira, nascera a 7 de Julho de 1926. Natural de Casleio do Neiva, era filho de Filipe Alves Pereira e Ana Vicente Carneiro. Depois de ter casado com Maria da Conceição Meira, do lugar de Guilheta, emigrou para França, onde a morte o colheu.

Descanse em paz a sua alma.

Faleceu em Lisboa Manuel Alves de Azevedo

Nasceu a 9 de Janeiro de 1898, vindo a falecer a 29 de Dezembro de 1984. Era filho de António Alves de Azevedo e Maria Fernandes de Sá. Contraíu matrimónio com Rosa Pires em 1922, enviuvando em 17 de Julho de 1942. Em segundas

núpcias com Leonilde Milheiro de Azevedo, em 1945.

Uma parte da sua vida foi passada na terra natal, trabalhando como empregado, na mercearia de Augusto Enes, estabelecendo-se depois por conta própria. Em 1930 foi para Moçambique onde se estabeleceu com comércio e padaria. Regressou em 1954, fixando residência em Lisboa, onde faleceu. Paz à sua alma.

Maria do Portas

— A morte aos 77 anos



No dia 2 do corrente mês de Janeiro, faleceu no lugar da Igreja, onde residia, Maria Alves da Cruz, mais conhecida por «Maria do Portas».

Filha de António Alves da Cruz o «António Rato» e de Amélia Alves da Cruz, a Amélia do Portas — nasceu no mesmo lugar da Igreja em 1907; teve infância difícil, como a de todas as crianças pobres do seu tempo. Ao atingir a mocidade teve que trabalhar como criada de servir em várias casas de lavoura, e durante muitos anos; mais tarde veio para casa de sua mãe e trabalhava como jornaleira; ultimamente tinha emigrado para França para junto de sua filha Acilda mas teve de regressar novamente à sua terra por motivo de doença.

Que Deus lhe dê o eterno descanso, depois de uma vida de tanto sacrifício.

A sua filha e genro apresentamos as nossas condolências.

QUEM AMA NÃO MATA!

Via-Sacra dos inocentes

I
Eu fui condenado a morte antes de ter nascido. A mim ninguém me deu amor, pois a mim ninguém me quer.

II
Carregaram-me com a maldição de ser indesejado. Todos me amaldiçoaram, terei de ser «eliminado».

III
Eu sou um pecado, «uma queda». Ninguém pode ser obrigado a carregar o erro duma gravidez não desejada!

IV
Quão doloroso, Senhor, foi o teu encontro! Eu... eu não tenho mãe. que me encontre e chore! Eu estou encarcerado no ventre de uma mulher que me manda matar!...

V
Alguém ajudou-te a levar a cruz. A mim... a mim, ninguém me ajuda! O médico dará à mulher um narcótico para que ela não sofra quando eu sofrer a morte.

VI
Ó quem me dera uma Verónica que me consolasse na minha condenação! Ninguém sabe da minha situação! A «lei» cala os próprios cristãos!

VII
É fácil mandar-me matar, enquanto sou pequeno! Meu pai faz cálculos; quanto lhe vou custar? Minha morte sai mais «barato»! Daí... tenho que morrer!

VIII
De que te serviram, Senhor, as lágrimas das mulheres? Não puderam impedir a tua morte! De que me valem as «leis»? «Legalizam» a minha morte!

IX
A queda é fatal: eu tenho que morrer! Estão confirmados os cálculos: não há lugar para mim! Não há um pedacinho de pão para mim neste vale de lágrimas. Tenho que morrer!

X
A ti despiram-te dos vestidos. Eu nunca tive um vestido! Apenas a minha pele. Mas, mesmo assim... agarraram-me com segurança!



XI
A ti pregaram-te numa cruz. A mim partem-me em pedaços. E também «contam todos os pedacinhos...» para terem a certeza de que a mãe não fica com infecção.

NÃO AO ABORTO!

XII
Tu morres. Eu também. Tu és inocente. Eu também. Lembra-te de mim, quando entrares no teu Reino... no teu Reino de Vida Eterna.

XIII
Morto, pudeste repousar no regaço de quem nasceste... mas a mim renova-me apenas a maldição... Porque serei uma carga a pesar... na consciência!

XIV
A ti ofereceram-te um túmulo. Para mim apenas o monturo de lixo!... Lá esperarei o juízo final... quando terei de fazer o meu depoimento contra... «meus pais».

RICHARD THAIMANN

Vem da 1.ª pág. —

A «Maratona da Paz» demorou mais de uma hora a percorrer a distância entre a Av. Central (lado Sul e Norte) e a Igreja de S. Lázaro.

O espaço considerável desta Igreja não foi suficiente para acolher todos os participantes, apesar de se terem comprimido o mais possível.

Lá dentro, os cartazes continuavam erguidos, enquanto decorria uma concelebração eucarística, presidida pelo Bispo Auxiliar de Braga, D. Joaquim Gonçalves.

Numerosos párocos e assisten-

Está em marcha o Ano Internacional da Juventude



tes de movimentos juvenis estavam presentes.

O Presidente da Assembleia dirigiu a palavra aos jovens, na sua homilia, de que publicamos esta parte:

«A vossa presença aqui é sinal

de vida. Trouxe-vos a vontade de ser jovens, construtores do futuro. Não vos trouxe o futebol, ou qualquer espectáculo». Estas palavras de D. Joaquim Gonçalves exprimem bem o sentimento de quem pôde assistir àquele desfile, que

sem ter sido motivado por qualquer espectáculo, tornou-se um verdadeiro espectáculo da vida dos jovens da nossa Diocese. Há valores — e a Igreja é um dos principais — que continuam a exercer uma forte atracção sobre os jovens.

• «SE FOSSE NUM ESTÁDIO...»

Os comentários que se ouviam dos observadores da rua eram de admiração e surpresa. Algumas pessoas interrogavam-se sobre a possibilidade de tantos jovens caberem na igreja de S. Lázaro. Outras diziam: «Se isto fosse no estádio, que belo espectáculo seria».

No final da eucaristia, foram distribuídas algumas recordações e vários materiais para as celebrações nas paróquias do Ano Internacional da Juventude.

D. Joaquim Gonçalves a concluir a sua homilia acentuou: «A Igreja quer que nós leveis a tudo o que se faça na vossa paróquia o espírito do Evangelho».

Bodas de Ouro em 1985

(Total — 16)

- 21 Agosto: Américo Gonçalves Pereira com Amélia Pires Caseiro.
- 13 Setembro: Basílio Gonçalves Portela com Maria Adelaide da Costa Pereira.
- 31 Agosto: António Alves Rolo com Maria Alves da Cruz.
- 24 Outubro: Manuel Fernandes de Sá com Maria Rodrigues Meira.
- 28 Outubro: Augusto Fernandes de Sá com Maria Amélia Alves de Carvalho.
- 6 Novembro: António Pereira de Barros com Amélia Pires Laranjeira.
- 23 Novembro: Manuel da Costa

Cruz com Adelaide Alves da Cruz Viana.

CASARAM HÁ 25 ANOS

Unindo seus destinos pelos laços do Matrimónio Cristão:

- Albino Pires Laranjeira e Alice Azevedo Viana — 12 Março.
- Manuel do Val Vitorino e Rosa Rodrigues — 26 Março.
- Adélio de Azevedo Sá e Maria Gonçalves Crespo — 30 Março.

- Alfredo da Costa Rolo e Irene de Faria Rolo — 2 Abril.
- António da Costa Maciel e Maria Pereira da Silva — 27 Abril.
- Napoleão Meira Laranjeira e Acidalia Maia Alvarães — 5 Junho.
- António Alves Gomes e Helena de Sá Calheiros — 9 Junho.
- José Vieira da Costa Portas e Ermelinda Cachada Narciso Novo — 6 Agosto.
- Laurentino Gonçalves de Azevedo e Leontina da Costa Rolo — 20 Agosto.
- António Faria Ribeiro e Cândida da Costa Matos — 10 Setembro.

dida da Costa Matos — 10 Setembro.

- Hilário Meira Rolo e Amélia Pires Lapeiro — 22 Outubro.
- José Alves Rolo Afonso e Cândida Alves Laranjeira — 31 Outubro.
- António Ferreira Laranjeira e Maria Cândida Cerqueira da Costa — 3 Dezembro.
- António Fernandes Maciel e Rosária Gonçalves Torres Pereira Viana — 7 Dezembro.
- Manuel da Cruz Gonçalves e Maria de Fátima Caramacho Moreira — 10 Dezembro.

Total — 15: sendo pároco, P. Apolinário Rios.

- Adélio Lourenço de Faria e Maria Alves Martins Neves, que celebraram o matrimónio na igreja de S. Romão do Neiva, festejarão as bodas de Prata Matrimoniais a 27 de Fevereiro.

«Foi a própria família que recebeu de Deus a missão de ser a primeira célula vital da sociedade. Cumprirá essa missão se se mostrar, pela piedade mútua dos seus membros e pela oração feita a Deus em comum, como que o santuário doméstico da Igreja, se toda a família se inserir no culto litúrgico da Igreja e, finalmente, se a família exercer uma hospitalidade actuante e promover a justiça e outras boas obras em serviço de todos os irmãos que sofrem necessidade.»

(Apostolicam Actuositatem, n.º 11)

- 14 Fevereiro: Manuel Gonçalves da Torre com Olivia Fernandes de Sá.
- 28 Fevereiro: José Rodrigues com Maria Alves Pedreira.
- 9 Março: Manuel Xavier da Costa Com Ludovina Gomes de Matos.
- 25 Abril: Telmo da Silva Leitão com Maria de Jesus Montes.
- 25 Abril: João Exposto com Paulina Meira de Sá.
- 16 Maio: Cândido Meira da Cruz com Amélia Dias Ferreira.
- 17 Julho: José Martins Meira com Elvira Pires Laranjeira.
- 27 Julho: Amadeu Fernandes de Sá com Carolina de Jesus Pereira.
- 3 Agosto: António Fernandes Alvarães com Maria Noémia Ferreira Maia.



Bodas de Prata Matrimoniais

RECORDAR VINTE E CINCO ANOS VIVIDOS EM AMIZADE DE FAMÍLIA É FESTEJAR A PRÓPRIA VIDA.

Foi no dia 23 de Dezembro/84, às 11 horas, na Igreja Paroquial, que mais um casal se reuniu com seus familiares e amigos mais íntimos para agradecer ao Senhor da Vida, uma vida a dois começada há 25 anos.

Bem hajam!



É esta a história duma «linda história»

Muitas vezes as grandes obras, sobretudo se são difíceis e dispendiosas, geram atritos, dificuldades e até a desunião. Não foi assim entre nós. Desde a primeira hora e ao primeiro anúncio da necessidade e importância do Centro Paroquial, todos se congregaram e uniram com um entusiasmo, uma sinceridade e generosidade admiráveis. Nunca tiveram lugar as divergências ou os desencontros de opiniões. Se algum desafio ou competição existiu foi nas manifestações de entusiasmo e de compreensão. De forma que bem podemos dizer que o primeiro grande fruto do nosso esforço foi a verificação da admirável e paternal unidade da vossa família paroquial. E porque assim foi, o projecto não assustou, não dividiu, não minou o edifício cristão do nosso amor fraterno. Pelo contrário, suscitou um melhor conhecimento entre todos, um traço mais familiar e afectuoso, uma melhor compenetração dos nossos deveres comunitários.

AS PRIMEIRAS RESPOSTAS

Agosto de 59 — Por isso, mal saiu o anúncio do projecto, as respostas não se fizeram esperar. Num domingo de Agosto, alguém oferece os primeiros 5.000\$00.

Janeiro de 60 — A primeira reunião que enfrentou a sério o problema, teve lugar num Domingo de Janeiro de 1960, no «Barracão dos Saleiros».

Apresentou-se o projecto definitivo que foi calorosamente recebido. Tanto, que surgiu logo a pri-



Cortando os eucaliptos

meira grande promessa: — os proprietários ofereceram os melhores pinheiros e eucaliptos para a obra. Estava resolvido dum só vez o problema das madeiras.

2 de Fevereiro — Marcados os primeiros eucaliptos.

6 de Fevereiro — Corte e transporte do primeiro eucalipto.

A EPOPEIA DA MADEIRA

Desde então e durante os princípios da primavera de 60, começou o que eu chamei epopeia da madeira. Dia após dia, no meio de grande alegria e entusiasmo, começaram a chegar ao adro gigantescos tocos de madeira, verdadeiros monstros da montanha, transportados por numerosas juntas de bois (ora 10, ora 15) dos mais possantes e galhardos da freguesia. Quase tenho saudade das excursões ruidosas pelos montes de Vila-Chã, Peneirada, etc. em que numerosos grupos de homens, buliçosos e bem dispostos, se lançavam denodadamente ao corte e carregamento das grandes árvores.



31 de Dezembro de 1960 — Os homens dos alicerces

31 de Dezembro de 60 — Dia de grande regosijo! 70 voluntários, por entre gritos e cantares alegres, abrem os alicerces da obra que todos desejavam.

5 de Fevereiro de 61 — Abertura das propostas para a obra de pedreiro e entrega da empreitada por 86.800\$00.

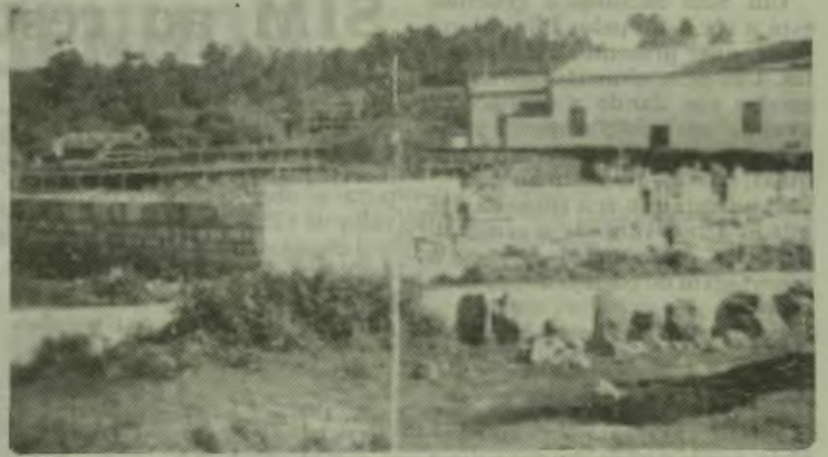
29 de Junho de 1961 — 150 homens trabalharam afanosamente na construção do pavimento do primeiro andar. Nesse mesmo dia demoliram a velha e anacrónica Casa da Confraria.

Agosto e Setembro — Sobre a direcção de Manuel Alves Rolo (Fagundes), trabalharam gratuitamente vários carpinteiros na colocação do madeiramento.

A seguir vieram as telhas.

E ASSIM CRESCU...

Sem datas muito solenes e rasgos extraordinários o sonho foi crescendo. Mas, quero afirmá-lo solenemente, nunca fomos fortes senão na confiança em Deus e na generosidade do povo de S. Paio. De resto, nunca tivemos dinheiro em Caixa e atrevemo-nos a come-



As paredes nascendo...

çar com 20.000\$00 uma obra que estava orçada em mais de 600.000\$00.

— E coisa muito para notar — nunca fizemos subscrições, nunca foi preciso ir à casa de ninguém pedir, dinheiro, porque todo nos foi entregue na Igreja ou em casa, voluntária e generosamente. Por isso se não tivemos dinheiro em caixa, também nunca tivemos muitas dores de cabeça. Confiamos em Deus e o Evangelho cumpriu-se: «O Pão nosso de cada dia».

Em fins de 61 e princípios de 62, procedeu-se ao rebocamento exterior das paredes. A empreitada tinha sido entregue por 24.000\$00.

Em Julho de 62, na festa da Senhora das Vitórias, inaugurou-

se a instalação eléctrica. Dai em diante, até Outubro, rebocaram-se as paredes interiores. Neste caso não houve empreitada, ou melhor, houve empreitada, mas a ela se entregaram com entusiasmo extraordinário os trolhas de S. Paio. Fizeram isso gratuitamente em serões memoráveis que algumas vezes se prolongaram até às duas horas da madrugada.

Desde então nunca mais pararam. Agora os azulejos, logo os tacos, depois as tintas, a seguir os utensílios para a cozinha, as canalizações e as cortinas...

Esta foi a realidade, bela e reconfortante em que hoje descansais os olhos, o coração e a alma.

ENGENHEIRO E ARQUITECTO

JÚLIO JOSÉ DE BRITO



Tantas viagens, tantos estudos, tantos dias gastos abnegadamente e sem outra recompensa que não seja a nossa muita amizade e profunda gratidão, fazem-nosabençoar o dia em que o encontramos na Quinta.

Mas além do seu trabalho desinteressado por gratuito, o Senhor Engenheiro quis auxiliar-nos doutra forma muito penhorante, executando trabalhos cujo produto revertia em favor da nossa realização.

Uma palavra de simpatia para a sua Ex.ma Esposa, que paciente-mente, de Verão e de Inverno, esperou longas horas que o Senhor Engenheiro visitasse e vigiasse o andamento das obras.

Que estas palavras, não pelo que dizem, mas pelo que quiseram exprimir, sejam o sinal da nossa homenagem e a prova da nossa profunda gratidão.

Engenheiro trabalhava nos planos, nos projectos, nas plantas.

O primeiro, pois, a trabalhar com um carinho, uma dedicação, uma competência admiráveis e um dos primeiros na continuação e execução da obra.

Repararam já que na historia do Centro Paroquial nos abstermos de fazer alusões pessoais aos benfeitores da obra, (e há-os muito grandes) porque pensamos que foi do generoso esforço de todos que ela nasceu e cresceu e ainda porque a erguemos para gloria de Deus e não para engrandecimento nosso. E é consolador verificar como todos, mesmo os maiores, compreenderam este meu sentimento e quase me obrigaram a segui-lo.

Mas é forçoso que se abra uma excepção. E essa é para o senhor Engenheiro Júlio de Brito. Faço-o por vários e justíssimos motivos. E que o Senhor Engenheiro não e de S. Paio e, por conseguinte, não tinha obrigação nenhuma de ser benfeitor da obra e, apesar disso, foi-o como poucos.

Foi ele o primeiro grande operário do nosso sonho. De lacto, ainda nós sonhávamos e já o Senhor

Vem da 1.ª pág. —

MEMÓRIAS DA NOSSA TERRA

A Capela de Santo Amador

A capela de Santo Amador foi fundada na segunda parte do século 16 por devoção de Diogo Barbosa e sua mulher Margarida Fagundes, moradores em Viana. O pedido da fundação da capela encontra-se arquivado no Registo Geral do Arquivo Distrital de Braga (Cx. 252, doc. 77) e se este documento não está datado, os nomes constantes do mesmo documento permitem-nos enquadrá-lo num espaço de tempo bem definido. Nesse documento dizem os suplicantes que por mandado do Arcebispo de Braga D. Manuel «que Deus tem», dotam a capela de um moinho e de uma bouça com bons rendimentos e terra fértil para «reparar e fabricar» a dita capela. E apresentam a escritura desta doação. A autorização para se erigir o altar foi passada pelo deão do Cabido da Sé de Braga D. Diogo Figueira. «Visto o dote, passe licença e esta se guarde no catório desta Sé». D. Diogo Figueira exerceu as suas funções no Cabido de Braga entre 1542 e 1581; o D. Manuel de que falam os suplicantes só pode ser o arcebispo D. Manuel de Sousa que esteve à

frente dos destinos da arquidiocese de 1545 e 1549. Como ele já tinha falecido no momento desta petição segue-se que a fundação é posterior a 1549; e como a petição foi despachada pelo deão D. Diogo Ferreira é bom de ver que a fundação é anterior a 1581. A conclusão é que a capela foi fundada entre 1549 e 1581.

De resto à mesma segunda parte do século 16 remonta a maior parte das nossas capelas: lembremos a capela da Senhora do Rosário fundada em 1592, a capela da quinta da Portela em 1553 ou 1563, a da Senhora da Saúde de Espoende em 1553, a de S. Roque de Forjães, em 1599... E estou convencido que o mesmo acontece com as capelas da Senhora dos Remédios e da Senhora da Purificação, embora destas não tenhamos a certidão do seu nascimento.

Era norma das autoridades ecle-

siásticas que na fundação das capelas se atendessem às fontes de receita das mesmas para que se pudessem reparar quando necessário e não viessem a cair em ruínas, sobretudo depois da morte dos seus fundadores. Era o que se chamava a «fábrica» da capela. De facto já o morgado da Portela, o P. António Barbosa, abade de Santa Leocádia de Geraz do Lima, ao fundar a respectiva capela a dotou com um campo que ao que parece se situava em S. Bartolomeu do Mar e já D. Paulo da Cunha ao fundar a capela da Senhora do Rosário a dotara com várias leiras em Belinho e S. Paio. E o mesmo se diga da capela da Senhora dos Remédios: em 1721, o P. António Dias instituiu para fábrica desta capela um legado de missas que incluía várias propriedades em Belinho e S. Paio, hipotecadas ao Administrador da mesma capela.

Santo Amador era um sacerdote cristão da Península Ibérica, martirizado em Córdova no século IX durante o governo de Maomé I (852-886). Foi esse um tempo difícil para os cristãos que os árabes, senhores da situação não poupavam. O eco destes martírios corria mundos e perdurava na memória das gentes. A mesma leva de mártires estava ligado S. Paio.

Embora um pouco mais tardio — 925 — também o jovem S. Paio tinha sofrido o martírio exactamente na mesma cidade de Córdova, onde fora martirizado Santo Amador.

— • —

Mas o mais curioso, é que se estamos relativamente bem informados sobre as origens da capela de Santo Amador, quase nada sabemos sobre a sua vida e o seu

prematureo desaparecimento. A cruz que evoca a existência da capela tem uma data que não é evidentemente a data da fundação: 1678. Nesta altura, quase um século depois da fundação, a capela ainda existiria portanto. Os Livros das Visitas de S. Paio d'Antas que vão de 1699 a 1904 nunca dela falam o que confirma que a capela seria da alçada jurídica da freguesia de Belinho. Mas nem tão pouco no Cartório Paroquial de Belinho se encontram referências a esta capela. O facto tem também a sua explicação se nos lembrarmos dos diferentes conflitos de ordem política com que os párocos desta freguesia se houveram através dos tempos, fenómenos que têm sempre a sua repercussão na vida dos arquivos. De facto boa parte do espólio documental do arquivo paroquial de Belinho desapareceu.

De qualquer modo, no Inquérito Paroquial de 1758, em Belinho já só se faz referência a uma capela: a de Santo Amador. «Tem só uma irmda ou capella que he Santo Amador». Nessa data, 1758, a capela de Santo Amador já não existia portanto.

P. Dr. Adélio

Um Sim decidido e generoso está a ser dado pelos filhos desta terra, quer presentes quer ausentes. Uns pessoalmente outros por escrito vão dando a conhecer o aval do seu apolo e apreço pelas obras do restauro do Centro Paroquial, construído há 25 anos.

Manifestam o seu entusiasmo aliado à boa-vontade e generosidade na colaboração. Veja-se a reportagem do cortejo no próximo número.

Leiam-se os depoimentos seguintes:

Pois, caros conterrâneos, no meu ponto de vista, esta obra comunitária, é sem dúvida alguma valiosa e merece de todos nós, paroquia-

SIM ao restauro do Centro Paroquial

nos de São Paio, o nosso inteiro apoio moral e material.

Quero por meu turno, expressar aqui o meu contributo, oferecendo para a obra um eurocheque no valor de 125 Florins; tirando daqui mil escudos, para a nossa «Voz de Antas».

Maria de Fátima Meira Gonçalves
HOLLAND

St. Pierre Les Nemours 1-12-84.
Acuso-me da recepção da carta datada do dia 7-10-84, da Comissão Fabriqueira, de que o Sr. Reitor faz

parte. É normal não deixar cair o que é útil para a freguesia e que quase todos nós de S. Paio D'Antas nos servimos desse edifício tão colado à nossa Igreja. A minha opinião é dar forças e mais uma vez apoio à Comissão e garanto-lhes — podem contar com a minha ajuda.

António de B. G. Chasco

Aproveito para junto enviar apoio ao restauro do nosso Salão Paroquial; e, para já uma ajuda material — ofereço 10 contos e empresto outros 10 contos sem juro e sem prazo.

José Rolo Umblina

Mean 17-12-84.

Que o Ano Novo seja de paz e todos os vossos projectos se realizem, entre outros, o restauro do salão paroquial para o que envio 15.000\$00.

Manuel Augusto Cruz

PARA O MESMO FIM, AS OFERTAS SEGUINTE:

Lucinda Lourenço Faria, Monte, 20.000\$00.

António Meira da Cruz Saleiro, Igreja, 18.000\$00.

Manuel Augusto Neiva Meira da Cruz, França (Azevedo), 15.000\$00.

Augusto Meira da Cruz Saleiro, Azevedo, 10.000\$00.

José Ferreira de Gregório, França (Guilheta), 10.000\$00.

Manuel Alves Rolo do Paulo, Azevedo, 10.000\$00.

Manuel Augusto Lima Rolo, França (Monte), 10.000\$00.

José Pires Alves Rolo, França (Pereira), 10.000\$00.

Basílio da Cruz Neiva, França (Azevedo), 10.000\$00.

Alguém B., 10.000\$00.

Albino Faria da Cruz, Argentina (Cima), 5.000\$00.

Maria Vaz Saleiro, Azevedo, 5.000\$00.

José Gonçalves Portela, Guilheta, 5.000\$00.

José da Silva, França (Monte), 5.000\$00.

Manuel Ferreira da Silva, França, (Belinho), 3.400\$00.

Alguém P., 3.000\$00.

Amândio Neiva Meira da Cruz, Austrália (Estrada), 3.000\$00.

Elvira Pires Laranjeira, Igreja, 2.000\$00.

Laurinda Fernandes de Azevedo, Azevedo, 2.000\$00.

Amélia Plácido, Guilheta, 2.000\$00.

Alguém E..., 2.000\$00.

Amâncio Meira Rolo, Guilheta, 2.000\$00.

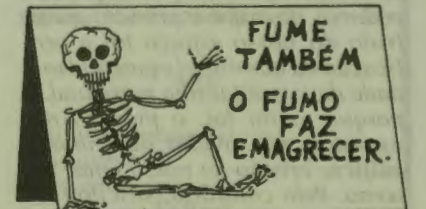
Lurdes do Grilo, Guilheta, 2.000\$00.

Olívia Fernandes de Sá, Guilheta, 1.000\$00.

José Novo, Azevedo, 1.000\$00.

Manuel Alves Caseiro, Guilheta, 1.000\$00.

Ángelo Dias da Cunha, França (Monte), 1.000\$00.



NO PRÓXIMO NÚMERO:

- Mapa da Contabilidade da Comissão Fabriqueira, ano de 1982, 1983 e 1984.
- Reportagem alargada sobre o Cortejo realizado a 13.10.85.
- Vida escutista do nosso Agrupamento.
- Plano de obras do restauro do Centro Paroquial.

OS DRAMAS DA EMIGRAÇÃO

Família de emigrantes regressava de férias de Celorico de Basto, para França. O pai, vítima de cansaço, adormeceu ao volante. O carro despistou-se na auto-estrada de Bordéus a 140 km/h... Depois foi a morte instantânea do pai e da mãe, e o pavor dos 3 filhos que os acompanhavam

O emigrante sente a premente necessidade de voltar aos países que lhes deram trabalho e dinheiro, para poderem, mais tarde, usufruir duma vida melhor e abrir horizontes mais fartos aos seus filhos, afinal as maiores vítimas desta múltipla tragédia.

O António Maria Lopes Pereira, nascera há 45 anos, em Moreira do Castelo, concelho de Celorico de Basto.

A família era numerosa e as terras do país não chegavam para os 11 filhos e por isso seguiram vários irmãos o caminho da emigração, enquanto outros se iam fixando por cá, inclusivamente o professor José Maria Lopes Pereira, que há anos se radicou na vila de Celorico de Basto.

O António Maria já tinha 20 anos de França, e pensava, para breve reformar-se, pois já andava mais que cansado de tantos trabalhos, tão longe da sua terra.

Era casado com Isabel Gonçalves Pereira, de 32 anos, natural do lugar de Covas, freguesia de Carvalho, deste concelho de Celorico.

Tinham três filhos — o Rui de 11 anos, o Daniel de 9 e a Virgínia a caminho dos 2 anos.

Recentemente tinham comprado uma boa quinta na sede do concelho e nestas férias andaram sempre atarefados em arranjar a casa de habitação, deslocando-se todos os dias às 6 h. da manhã, de Moreira do Castelo (12 km) para começarem os trabalhos às 7 h.

O António queria a sua casa, com enorme vivenda de réis do chão e 2 andares, bem construída, para que ficasse segura. Ele tecia o ferro com todo o cuidado.

Foi um trabalho esgotante, de manhã à noite, todos os dias sem descansar.

Ainda na 6.ª feira, 24 de Agosto, véspera da saída para França, teimaram em encher a última placa...

Bem sabemos os desgastes que é lançar uma placa, principalmente quando ela é de grande proporções...

Logo no sábado, de manhã cedo, foram à pressa a Amarante fazer diversas compras e os filhos ficaram entregues ao seu amigo e vizinho, Agostinho Carvalho Andrade (que também já foi emigrante) que lhes deu de almoçar.

Não ficaram com o tio, porque este se encontrava de férias em Bragança, na terra dos sogros.

Quando os pais chegaram, partiram logo para França, mesmo sem tempo para comer descansados, pois tinham de entrar ao trabalho na 2.ª feira ao trabalho, às 8 da manhã.

Alertados para o perigo que corriam em fazer tão longa viagem, já tão esgotados do trabalho e cheios de sono, responderam que ambos sabiam conduzir e que se revezavam, enquanto os filhos podiam ir dormindo.

De facto a Peugeot 504 (carrinha) ia nos bancos de trás, atulhada da bagagem e os filhos lá se aninhavam no

meio de roupa e cobertores, ficando bem defendidos de qualquer solavanco.

Presume-se que até à fronteira de Chaves tenha conduzido a esposa, depois o marido deve ter continuado por essas longas estradas e entrado na França, ansioso por percorrer depressa a fastidiosa distância.

No domingo de madrugada, ainda tinham 1.000 km a vencer, para chegarem ao seu emprego e residência de Romilly Sur Seine, no norte da França.

Mas aí terminou a sua condução. O António Maria não resistiu ao sono, que há um mês não dormia o bastante, fechou os olhos por uns momentos.

Deviam ir a uns 130-140 km/h., diz-nos o Agostinho Andrade, que já lá passou muitas vezes a auto estrada de Bordéus e sabe a que nervosa velocidade se conduz, infelizmente, nestas circunstâncias!...

O carro despistou-se como um foguetão desordenado. Ele ainda o tentou dominar, mas depois foram bólus e mais bólus e tudo terminou em

estado de sucata, nos arredores de Landes, na parte de lá de Sul de França, perto de Pissos.

Os filhos abriram os olhos nessa terrível madrugada de domingo (25 de Agosto) e viram os pais mortos, o carro desfeito, e tudo em tremenda confusão.

Chegou a polícia francesa e imediatamente tomou as providências mais urgentes.

Havia na carteira dessa família os endereços de vários irmãos que residiam perto de Bordéus. Foram alertados e levaram as crianças para o Hospital de Pellegrin dessa cidade. Depois chegaram a casa dos tios, pois não tinham ferimentos de gravidade.

Quanto aos inditosos pais, esses recolheram à morgue, para fazerem depois a última viagem à sua terra, já conduzidos por outros, pois para eles terminaram para sempre o volante desta vida.

Já não voltam a ver a casa para a qual tanto trabalharam. Ai prepararam uma cozinha e um quarto para virem consoar no próximo Natal!

Já não gozará o António a sua reforma de vinte anos de França!

Já não pode apreciar os frutos da sua quinta, agora com o caseiro instalado numa espaçosa habitação que eles lhe prepararam!

O nosso jornal soube junto do professor José Maria, que o António era o 2.º dos onze filhos de Serafim Pereira e de Maria Lopes, já falecida. São eles, o citado professor, Aníbal Lopes, Artur, Gracinda (que vivem em França), Joaquim, Rosa Maria, Álvaro, Maria da Assunção, Francisco e Maria de Lurdes, estes vivendo em Moreira do Castelo.

Quanto a mais referências sobre a esposa e sua família, só nos será possível transmiti-las na próxima edição, pois este número já está pronto para a tipografia.

Já não darão os projectados passeios de férias futuras, visitando alegremente os amigos e familiares.

Já não podem «descansar mais nesta terra» e não sabemos se terão garantido para tão cedo descanso na Eternidade, pois chega a este ponto a tragédia humana que leva um homem ao fim desta atribulada existência, por vezes, sem ter preparado bem a salvação eterna!...

A todos, os pêsames do «Terras de Basto», que pede aos seus numerosos leitores, uma prece pelo eterno descanso destes e de outros emigrantes colhidos pela morte em estradas longe da sua Pátria e que exalam o último suspiro da sua dramática vida, amortalhados em cansaço, nas longas valetas das longínquas terras estrangeiras.

M. COUTO

-Terras de Basto-

RIA UM POUCO!

O raciocínio dum bêbado:

— O vinho cria bom sangue, o sangue bom dá boa saúde, a boa saúde dá boa disposição, a boa saúde disposição origina bons pensamentos e bons desejos; o que pensa bem e deseja o que é bom, pratica boas obras. Estas são o único meio de salvação. Logo, o bom vinho é que nos salva.



Um emigrante comprou um lindo automóvel, último modelo, para ir «ver mundo»...

— E foi?
— Sim, mas não este. O outro.

Um médico, depois de escrever uma receita, entregou-a ao doente, dizendo-lhe:

— O senhor toma isto amanhã de manhã.

O doente seguiu à risca: engoliu a receita.

— A culpa de ter sido atropelado foi sua. Olhe que há dez anos que guio automóvel e tenho boa experiência!

— Também não sou nenhum principiante! Há cinquenta anos que ando a pé...



O pároco de um aldeia diz aos seus fiéis:

— Meus filhos... É incrível a vossa falta de fé. Viemos aqui rogar a Deus para que chova e nenhum de vós trouxe guarda-chuva...

— Cavalheiro, que brincadeira é essa? Então apaga-me todos os fósforos que eu acendo?

— Desculpe, é a força do hábito?

— Força do hábito?
— Sim, senhor. Sou bombeiro.

DECÁLOGO DO TEMPO

1. Lembre-se que prestará conta das horas que passam.
2. Aproveite a hora presente, pois ela representa o trabalho, o cumprimento do dever, o mérito.
3. Não esqueça que o tempo perdido não se recupera mais.
4. Tenha em alta consideração o valor do tempo.
5. Não perca tempo em bebidas, jogos e conversas ociosas.
6. Um bom método economiza muito tempo.
7. Recomendação especial: a pontualidade! Não faça ninguém perder tempo esperando por si.
8. Empregue bem o tempo seguindo um programa.
9. Lute contra os inimigos do tempo: preguiça, falta de ideal.
10. Aproveite o tempo enquanto é tempo.

(«Livro dos Decálogos»)

MISSÃO DOS LEIGOS

«A vossa missão de leigos, portanto, fundamentalmente é a santificação do mundo. (...)

A Igreja há-de estar presente em todos os sectores da actividade humana e nada do que é humano lhes pode permanecer alheio. E sois vós, principalmente, prezados leigos, que a deveis tornar presente. Quando se acusa a Igreja de estar ausente de algum sector, ou de se preocupar de algum problema humano, isso equivaleria a lastimar a ausência de leigos esclarecidos ou a não actuação de cristãos naquele determinado sector da vida humana. Por isso dirijo-vos um apelo caloroso: não deixeis a Igreja ficar ausente de nenhum ambiente da vossa querida nação. Tudo deve ser influenciado pelo fermento do Evangelho de Cristo e iluminado pela sua luz. É vossa tarefa fazê-lo».

(João Paulo II, na sua visita a Portugal)

FRENTE SOLIDÁRIA «VOZ DE ANTAS»

JANEIRO DE 1985

Domingos Rodrigues da Silva — Cima	250\$00
Manuel da Cruz Miranda — Pereira	250\$00
João Meira — Brasil	300\$00
Maria de Fátima Gonçalves — Holanda	1.000\$00
Horácio Alves Rolo — Azevedo	300\$00
Cândido Moreira de Faria — Argentina	400\$00
António Faria Ribeiro — Forjães	300\$00
Cândido Pires Laranjeira — Cima	250\$00
Amândio Afonso Sampaio — Pereira	500\$00
Bernardo de Azevedo Viana — Pereira	350\$00
Manuel Pacheco de Azevedo — Porto	800\$00
Albino Faria da Cruz — Argentina	1.000\$00
António Marques de Sousa — Venezuela	1.000\$00
Manuel da Costa Pereira Cardante — Guilheta	600\$00
Manuel de Barros Alves Pereira — França	500\$00
Juveniano Costa — Guilheta	250\$00
Manuel Gregório — Guilheta	300\$00
Benedito Neiva Meira da Cruz — Monte	600\$00
Manuel Lourenço Pereira — Guilheta	600\$00
Manuel Gonçalves Neiva (Dazinha) — Pereira	300\$00
Carlos Viana da Cruz — Pereira	300\$00
Manuel Gonçalves Lopes — Guilheta	300\$00
António Pires Laranjeira — Cima	250\$00
José Joaquim Durães Moreira — Monte	300\$00
Maria Saleiro de Barros — Cima	500\$00
Maria Leontina de Barros Viana — Japão	500\$00
José Gonçalo de Sousa Caseiro — Lisboa	300\$00
Manuel Augusto Rodrigues de Meira Torres — França	867\$50
Anónimo — Azevedo	500\$00
Maria Marques de Sousa — Lisboa	300\$00
Maria Marques de Sousa — Guilheta	300\$00
Manuel Alves Caseiro — Guilheta	400\$00
Adelina de Jesus Afonso — Guilheta	300\$00
Domingos da Cruz Neiva — Cima	500\$00
José Joaquim de Azevedo — Azevedo	300\$00
Laurentino da Costa Morgado — Monte	300\$00
Manuel Martins de Abreu — Belinho	250\$00
Alberto Gonçalves Rolo — Guilheta	300\$00
José Martins Varajão — Guilheta	300\$00
Manuel Martins da Silva — Pereira	350\$00
Angelo Dias da Cunha — França	1.000\$00
Guilhermina Alves — Estrada	500\$00
Manuel Fernandes de Sá — Estrada	250\$00
Amadeu Pereira de Barros — Estrada	500\$00
Domingos Martins Ledo — Almada	500\$00
Celeste de Barros Gregório — Guilheta	300\$00
Congregação de N. Senhora da Caridade — V. Castelo	300\$00
Amélia Pires de Sá — França	1.000\$00

Manuel Fernando Pires de Sá — França	1.000\$00
Florianio Pereira de Barros — Estrada	250\$00
Emílio Rolo de Azevedo — Azevedo	250\$00
Armando de A. Torres Neiva — Azevedo	250\$00
Manuel Augusto Lima Rolo — França	1.500\$00
Albino Lima Rolo — Venezuela	500\$00
Manuel Alves Rolo — Azevedo	250\$00
Manuel Fernandes da Cruz Viana — Azevedo	500\$00
Arestides de Almeida Torres Neiva — Azevedo	300\$00
Manuel Augusto da Cruz — Azevedo	250\$00
Alfredo Fernandes Gonçalves Pereira — Guilheta	250\$00
António Pires — Estrada	300\$00
Eduardo Pedreira Rodrigues — Guilheta	250\$00
Maria de Lurdes Barros Pereira — França	500\$00
Maria Adelaide de Barros Pereira — França	500\$00
António Pires — Guilheta	300\$00
Cândida Rodrigues Meira — Estrada	600\$00
Fernando Martins da Costa — Pereira	250\$00
Irmã Maria Helena dos Anjos da Costa — Braga	250\$00
Domingos Ferreira da Silva — Porto	250\$00
Franklin Fernandes da Costa — Porto	250\$00
Angelina Alves da Costa — Monte	250\$00
Otacílio Capitão de Abreu — Azevedo	500\$00
Cândida Rosa da Costa — Guimarães	250\$00
Manuel Veloso Portela — França	300\$00
Albina Vicente Carneiro — Guilheta	450\$00
Família de Júlia Maltês Torres — Guilheta	1.000\$00
António de Matos Rolo — França	500\$00
Rosa Dias — Guilheta	350\$00
Maria Vaz Saleiro — Azevedo	350\$00
Hercília Saleiro da Cruz — Austrália	500\$00
Rosa Saleiro da Cruz — Azevedo	500\$00
Maria Pires Vieira — Monte	300\$00
Esírio Eiras de Meira Torres — Belinho	500\$00
José Mário Azevedo Torres — Açores	500\$00
José Rodrigues Lapeiro — Guilheta	600\$00
Basílio da Cruz Neiva — França	750\$00
Justina Viana da Cunha — Azevedo	250\$00
Manuel Rodrigues Lapeiro — Guilheta	500\$00
Mário Quesado Sinaré — França	500\$00
António Lourenço de Faria — Monte	300\$00
Manuel Laranjeira Gomes — Belinho	300\$00
Martinho Viana de Meira Torres — Belinho	400\$00
José Afonso Vaz Saleiro — Azevedo	500\$00
José de Sá — Guilheta	400\$00
José Fernando Queirós Gonçalves — Monte	300\$00
Manuel de Sá — Guilheta	500\$00
José Gonçalves Portela — Guilheta	300\$00
José Alves Ribeiro — Guilheta	300\$00
Albino de Azevedo e Sá — Azevedo	300\$00

Manuel Alves Caseiro — Belinho	250\$00
Olimpio Fernandes da Silva — Belinho	300\$00
Amadeu Fernandes da Silva — França	300\$00
Ernestina Alves Laranjeira — Monte	300\$00
Sebastião Viana Alves — Monte	500\$00
Fernando da Costa Rolo — Azevedo	500\$00
Domingos Vicente Fernandes — Guilheta	400\$00
José Alberto — Aver-o-Mar	300\$00
Domingos Sá Fernandes — C. do Neiva	300\$00
Laurentino Faria Rolo — França	500\$00
Elvira Maria da Silva Gonçalves — Azevedo	250\$00
Aurélio Alves Rolo — França	300\$00
Olinda Rodrigues Ferreira — Pereira	300\$00
Albino Peteira de Sá — Estrada	250\$00
Família de Maria Alves da Cruz — Cima	1.000\$00
Adelaide da Cruz Viana — Pereira	500\$00
Irmã Adelaide da Cruz Viana — Moçambique	500\$00
Hilídio da Costa Cruz — Pereira	250\$00
Manuel da Silva Neiva — Azevedo	300\$00
Maria Esménia Viana Torres — Belinho	300\$00
Amélia Viana da Silva — Lisboa	300\$00
David Viana de Meira Torres — Azevedo	350\$00
José Augusto da Cruz — Azevedo	250\$00
Empreiteiro Lage — Meadela	500\$00
José Joaquim de Oliveira Saleiro — P. de Lima	300\$00
Amândio Gonçalves — C. do Neiva	500\$00
António Faria Viana — Monte	1.000\$00
Jacinta Faria Viana — Forjães	500\$00
Manuel Cândido Pires Laranjeira — Monte	500\$00
José Vaz de Brito — Azevedo	500\$00
Hilário Afonso Sampaio — Azevedo	500\$00
Manuel Viana da Cruz — Azevedo	500\$00
Mário de Azevedo Cruz — Pereira	500\$00
Manuel da Costa Azevedo — Azevedo	500\$00
Maria Alves Pedreira — Guilheta	300\$00
Serafim de Matos Martins — Guilheta	250\$00
Domingos Gonçalves Rolo — Guilheta	2.000\$00

A Administração agradece

ENCERRAMENTO DAS CONTAS DO JORNAL DA «VOZ DE ANTAS» EM 31 DE DEZEMBRO DE 1984

Receita	243.260\$00
Despesa	252.563\$20

Há um saldo negativo de 9.303\$20

P'la Administração,
Albino Faria

EM BENEFÍCIO DO CENTRO PAROQUIAL

CORTEJO DE OFERENDAS ULTRAPASSOU OS 800 CONTOS

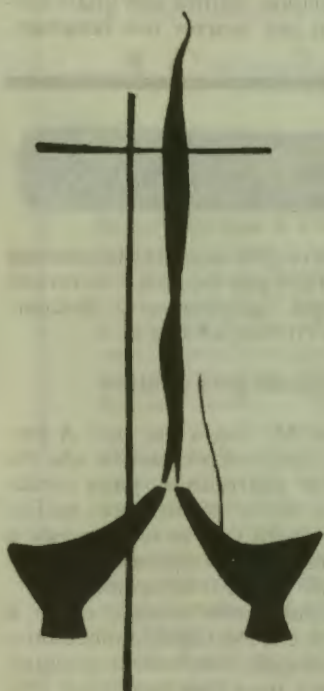
- Oferta duma leira, a leiloar a 10 Fevereiro
- O maior de todos os cortejos paroquiais

13 Janeiro. Foi dia de grande festa para a Família Paroquial que, em entusiasmo contagiante, viveu a alegria do cortejo. O povo das freguesias circunvizinhas deu-lhe ânimo fazendo com que o leilão se prolongasse até ao cair da tarde para recomeçar no próximo domingo dia 20.

De tudo concluído e leira arrematada, o apuro total aproximou-se dos mil contos. O maior de todos os cortejos.

As obras principiarão no próximo dia 26 deste mês, a um sábado, com grupos de voluntários. Bem hajam!

CONCURSO «Matrimónio Cristão» — «Crescer na Fé e no Amor»



TESTEMUNHO DE

Casamento

NO SAMEIRO

Amigo leitor, queira enviar-nos a sua legenda para esta foto. Há prémios (Assinaturas de «Família Cristã», Bíblias ilustradas, etc.) para os melhores. Habilite-se.

NOTÍCIAS BREVES

Em benefício das almas, os escuteiros tiraram as «Janeiras». Todas as famílias deram bom acolhimento. Valeu a pena.

O rendimento, dado que ainda não foi feito o leilão de muitas ofertas, rondaria a meia centena de contos.

O agrupamento dos escuteiros, em sete meses de actividade, movimentou uma receita de 102.000\$00 para uma despesa de 66.289\$00 tendo em caixa: 35.711\$00. O Povo nunca regateou apoio e carinho aos escuteiros. Sabem-no bem!

Para uma visita a seus familiares, partiu, em 6 de Janeiro, para a Austrália, Maria Vaz Saleiro.

Noctívagos assaltaram a escola de Guilheta, em Dezembro passado, passando, agora, a «visitar» algumas casas na praia.

Casamentos

21 Out/84: José Joaquim de Oliveira Saleiro, 24 anos idade, filho de José Afonso Vaz Saleiro e de Gracinda Rodrigues de Oliveira com Rosa Maria Cerqueira Pinto, 19 anos de idade, filha de António Pinto e de Amélia Cerqueira, em S. Martinho da Gandra — Ponte do Lima.

1 Dezembro/84: Manuel Viana Vaz Saleiro, 26 anos de idade, filho de José Afonso Vaz Saleiro e Maria de Lurdes Pereira Viana com Laurinda Saleiro de Barros, em Frago, Barcelos.

22 Dezembro/84: David da Silva Pereira, 24 anos, filho de Valdemar Gonçalves Pereira e de Paulina Alves da Silva, Belinho, com Maria Paulina da Cruz Ferreira, 19 anos, filha de José da Cruz Ferreira e de Maria de Lurdes da Cruz Ferreira, na igreja paroquial de Antas — Esposende.

Felicidades. Bom Futuro!

JAEOCA — Movimentação de Contas

RECEITA

● COTAS	30.470\$00
● BAR (Setembro/83 a Abril/84)	98.895\$50
(Maio a Setembro/84)	80.000\$00

● SORTEIO 222.130\$00

DESPESA

● Missas Estatutárias	6.000\$00
● Aquisição livros e revistas	8.100\$00
● Apoio ao teatro	2.149\$50
● Artigos vários	17.216\$50
● BAR — Louças	9.754\$50
— reparação máquina café	12.070\$00
— reparação televisão	4.000\$00
— refrigerador	75.000\$00
— reparação aparelho estereof.	18.540\$00
● SORTEIO (distribuição do dinheiro)	162.000\$00
(conferir Voz de Antas Março/84)	
— Contributo em dinheiro à Comissão Fabriqueira	123.570\$00

Elisabet Azevedo
Cassiano Neiva Viana

• TEMOS A GASOLINA MAIS CARA DA EUROPA

É a seguinte a actual classificação dos países da Europa Ocidental em função dos preços aproximados por litros das gasolinas Super e Normal:

	NORMAL	SUPER
1 — PORTUGAL	105\$00	109\$00
2 — ITÁLIA	100\$00	104\$00
3 — FRANÇA	97\$20	102\$60
4 — NORUEGA	94\$35	98\$00
5 — ESPANHA	87\$00	97\$00
6 — DINAMARCA	92\$70	96\$30
7 — HOLANDA	85\$00	90\$25
8 — BÉLGICA	84\$50	86\$32
9 — SUIÇA	80\$00	83\$20
10 — GRÃ-BRETANHA	70\$70	81\$40
11 — SUÉCIA	76\$70	78\$40
12 — RFA	75\$90	78\$10

Vem da 1.ª pág. —

vam num século permaneciam necessariamente no outro: há que ter isso em mente. No entanto, por via de regra, um costume resiste bastante ao tempo: basta recordar que do fragmento dos Usos e Costumes de S. Paio, cuja inspiração remonta ao texto de 1681, temos cópias de 1715 e de 1782, o que mostra como o povo se mantinha afeiçoado e ligado a essas tradições.

Sobre funerais e enterros, temos costumes de devoção, como por exemplo: as missas, os ofícios, as rezas de ano, as «obradações», as «mortalhas»; costumes de caridade como as «ofertas de corpo presente» e os «agasalhos»; e costumes de mero perfil social como o sinal do sino, o luto e isolamento prolongado das mulheres.

Destes costumes, alguns já desapareceram; outros porém, de uma maneira ou de outra, vigoram ainda.

— • —

1. Uma das primeiras conclusões da leitura dos documentos, sobretudo dos Livros dos Testamentos, é a importância que as Missas e Ofícios ocupavam no sufrágio da alma dos falecidos.

Pelas crianças, antes do sete anos, se deviam dizer duas missas, «pagas a meio tostão, com três reis de candeia para cada uma das missas».

Pelo filho «familiar», que falecesse com mais de sete anos e menos de 14, se era rapaz, e menos de 12 e se era rapariga, se deviam celebrar cinco missas rezadas «ofertadas»; depois dessa idade já tinha direito a um ofício.

Nas missas que se mandavam dizer em testamento — sempre muito numerosas — aparecem as devoções mais comuns da freguesia, que incluem quase sempre os titulares dos cinco altares que a Igreja Paroquial possuía nessa altura: Santíssimo Sacramento, Nossa Senhora da Conceição, S. Paio, S. Brás e Santo António. Mas há outros santos de grande devoção popular como S. José, S. Sebastião, Santo do Nome, Anjos da Guarda e com frequência os oragos das capelas da nossa freguesia: Senhora do Rosário, Senhora dos Remédios, Santa Tecla e um pouco menos S. Cristóvão; a Senhora da Purificação quase não aparece. É muito frequente a indicação: «mando celebrar cinco missas pela minha alma, cada uma no seu altar da nossa igreja».

Em muitos testamentos aparece o pedido de celebrar missas na capela de Santo António da Espregueira, em Fragoso, o que revela a devoção especial a esta capela.

Os santos dos altares da igreja e os titulares das nossas capelas faziam assim parte integrante da vida e da esperança do povo.

2. O Ofício dos Defuntos era muito frequente na época. Nos Ca-

ENTERROS E MORTÓRIOS EM S. PAIO D'ANTAS NOS TEMPOS QUE JÁ LÁ VÃO

II — DEVOÇÕES, USOS E COSTUMES

pítulos das Visitas não faltam admoestações aos padres, a chamarem a atenção para a piedade e decoro que tal celebração lhes merecer. Por exemplo: «Não consinta não só no celebrar mas ainda na assistência dos ofícios divinos e dos defuntos eclesiásticos com tamanhos ainda que sejam feitos em forma de sapatos; nem também com outro qualquer género de vestido indecente... «que se conservem todo o tempo que durarem ofícios e missa até ao último responso nas alas e lugares destinados... «que assistão aos referidos actos com lombas ou sotana de baeta preta e cabeção no pescoço... «que estejam neles com toda a gravidade, silêncio e modéstia...».

O Ofício podia ser de cinco, oito, dez e por vezes quinze padres. Havia o Ofício do Corpo presente, o Ofício do mês (trigésimo dia) e o Ofício do ano (aniversário). Segundo o Livro dos Usos e Costumes para cada um destes Ofícios se devia «pagar um alqueire de trigo, meio almude de vinho e mais 300 reis de pescados (peixe), além de 3 palmos de candeia à conta dos herdeiros».

Pelo defunto solteiro que tivesse herdado por parte do pai ou da mãe, se deveriam fazer três ofícios de cinco padres, «pagando-se metade dos benesses de uma cabeceira» (chefe de família).

Pelo filho «familiar» que falecesse com mais de doze anos, se devia fazer um ofício «ofertado», com um alqueire de trigo, meio almude de vinho e 300 reis de pescados.

3. Havia a *reza anual* pelo defunto para a qual se deviam pagar 600 reis, devendo o herdeiro dar a cera e o vinho para as missas. O Prior da Confraria do Sobsino (quando tiver oportunidade falarei desta Confraria ou Irmandade existente em quase todas as paróquias de então), tinha a obrigação de fazer a reza por cada Irmão que falecesse «como é uso e costume e condenará os que faltarem ao acompanhamento do defunto, ou não assistirem à oração dele...» Esta oração era feita do adro.

4. Outro costume de devoção antiga era a «Obradação» ou obrada como hoje se diz. Para esta «obradação» se devia dar «uma espetada de carne de vaca, com uma posta de presunto por cima, uma cesta com tijela, prato e colher dentro, uma galinha viva e meia vara de pano, cobrindo a cesta».

Estes «bradórios», que pelos vistos, se tornaram em «festórios», haviam de merecer ao visitante de 1831 uma severa reprimenda: «Fui informado que nos dias em que se

costumão fazer os Bradórios, costumão os Doridos fazer comezainas, com grandes adjuntos e despesas supérfluas, que totalmente deviam ser aplicadas para bem d'alma dos falecidos e não para divertimentos e superfluidades que fazem que em nada se conformão com o serviço de Deus e bem d'alma dos falecidos, costuma este que deve desterrar-se de entre os católicos, por ser mais próprio de gentilismo praticarem-se fatos que em tais ocasiões costuma haver: o Rev. Parocho procure com todo o seu pastoral zelo o desterrar tais comezainas e persuadir os fregueses a que convertão tais despesas em sufrágios pelos finados, no que farão serviço a Deus e merecimento para suas almas».

5. Em vários documentos da época aparecem mencionados os *agasalhos* por ocasião dos mortórios e enterros. Os «agasalhos» consistiam na distribuição de um bonus aos pobres que acompanhassem o enterro e que se resumiam fundamentalmente em pão e vinho e por vezes bacalhau ou outro peixe.

Domingos Rodrigues, falecido em 1818, diz no seu testamento que «he minha vontade se dê aos pobres do lugar de São Pavo e Azevedo, desta freguesia, doze razas de pão milho, no dia do seu enterro, havendo-o...».

P. Domingos Fernandes manda que «sendo meu corpo sepultado e agasalhá o povo com pão, vinho e bacalhão».

Manuel da Cunha Pinheiro: No dia do meu falecimento ou ofício ou obradação, se agasalharão todos os pobres e necessitados q. se acharem nesta freguesia com pão e peixe».

Francisco Pires de Azevedo: que «quando o meu corpo fôr para a igreja, se dêem pela minha alma tres alqueires de pão cozido e almude e meio de vinho repartido a todos os que forem acompanhar, fora dos cancelos do adro».

Em geral, a medida era dois ou três alqueires de pão e um ou dois almudes de vinho. Mas por vezes, a esmola podia ser em dinheiro: «Declaro que aqueles que acompanharem o meu corpo desta casa para a igreja se lhes dará de esmola a sinq. a reis a cada um». (D. Angela Cunha, 1788).

Também este costume degeneraria em abuso, pois já o visitante de 1760 recomendava: «O Rev. Par. o não consinta que os testadores deixem em seu testamento o chamado agasalho da freguesia; porque mais parece abuzo gentilico, q. piedade catholica; antes lhes persuada deyxem este gasto em sufrágio das suas almas».

6. O «velório» do defunto estava particularmente a cargo do tesoureiro ou «homem da cera» da Confraria do Sobsino. «O tesoureiro desta irmandade que vulgarmente chamam homem da cera, tem obrigação de ir com a cera para a casa do Irmão falecido para que o cadáver esteja com luz acesa, como é uso louvável e antigo, e enquanto o cadáver estiver na igreja, dará o dito homem da cera toda a necessária para arder ao redor da tumba e nos altares, e para as Missas do Ofício do corpo presente e também para o Ofício do mês presente. E advirto que para o Ofício do mês e do ano não tem obrigação de dar cera alguma, que essa comprarão os herdeiros dos defuntos, ou quem fôr obrigado a lhes fazer o bem da alma».

7. Curiosa e referêcia no Livro dos Usos e Costumes, às chamadas *ofertas do corpo presente*. «Dará mais o dito homem da cera 4 palmos de candeias para se rezarem as 4 ofertas do corpo presente que são: carneiro, vinho, trigo e pescados: os quais 4 palmos de candeias ficam para o pároco».

8. Para os de fora da freguesia, que falecessem dentro dela havia também normas explícitas: «Qualquer pessoa estrangeira que falecer dentro desta freguesia e lhe derem sepultura nesta igreja, tem duas missas pela sua alma, pagas pela Confraria do Sobsino e um lume enquanto o cadáver estiver sobre terra e se ajuntará a Irmandade para o acompanhamento da sepultura com as velas acesas, como sempre se observou».

De todas as despesas acima referidas, cujo sujeito não vem especificado, se encarrega a dita Confraria do Sobsino, por um método de comparticipação comunitária interessante: «Para as despesas que acima tenho dito, o Prior que servir o seu ano, chamará o Juiz da Igreja e os homens de acordo da freguesia e com mais três ou quatro homens dos mais velhos e ajustarão o a que chegam os gastos do tal ano, o que farão até 15 de Agosto todos os anos. Os quais gastos bem ajustados, lançarão a cada um dos Irmãos o que há-de pagar no tal ano para as ditas despesas».

9. Cada Irmão desta Confraria ou Irmandade devia ir à Casa do Irmão Defunto, aspergi-lo com água benta, rezar um Pai Nosso e uma Ave Maria, e acompanhá-lo até à igreja. Os Usos da Confraria previam sanções para os que nos funerais só apareciam a meio do caminho ou conversavam durante a reza que o Prior da Confraria

fazia no adro pelo falecido.

10. Era bastante frequente o costume de os mortos serem sepultados *envoltos em um lençol*, quase sempre branco, de linho, ou amortalhados num hábito ou de S. Francisco ou de S. Bento ou de S. Domingos ou de Nossa Senhora do Carmo. Há mesmo um casal que pede, ele para ser envolto no hábito de S. Francisco, e ela, no hábito de N.S. do Carmo.

Neste particular, às vezes, há pormenores interessantes: «Meu corpo será embrulhado em um lençol de linho e o dito lençol tem três panos e me amortalharão em dois e o outro pano que fica será dado a quem me amortalhar». Um tal simão Fernandes deixa mesmo ordenado «se venda o meu capote para comprar a túnica em que hei-de ser amortalhado». E para Rosa Gonçalves não servirá um hábito qualquer, pois deseja «ser amortalhada em hábito de S. Francisco que seja dos melhores».

11. Havia também o costume de quando morria alguém, na família, os parentes femininos mais próximos, por estarem de luto, não irem à missa nem frequentarem a igreja durante longo espaço de tempo, após a morte dos seus familiares. Por várias vezes, os prelados da diocese se insurgem contra este luto mal entendido, reduzindo-o ao dia dos funerais e dos ofícios. D. Rodrigo de Moura Teles vai mesmo ao ponto de ordenar aos párocos de verificarem publicamente se as pessoas visadas obedecem a estas normas ou não.

12. A terminar, um uso que ainda hoje vigora: quando alguém falecia, a comunidade paroquial era informada com um «sinal» de toque de sino. Ainda hoje se diz «dar o sinal». Naquele tempo, quem pertencesse às Ordens Terceiras podia ter um sinal especial: «E por caridade e esmola, peço ao Reverendo Pároco, quando tiver notícia do meu falecimento, me mande dar o sinal com os sinos, na forma que fazem aos Irmãos Terceiros da Ordem Dominicana».

P. Dr. Adélio

MEDIA DE SUICIDIOS FOI ULTRAPASSADA EM 84

A média de 900 suicídios por ano em Portugal já foi ultrapassada em 84, sendo o número de 901.

EM 1984

1500 MORTOS NAS ESTRADAS DE PORTUGAL

De 25 mil acidentes que provocaram 1.500 mortos, e mais de 23 mil feridos, muitos dos quais acabaram por morrer nos hospitais.

DESPORTO

MOTOCICLISMO

ALEXANDRE LARANJEIRA — um português campeão em França, triunfa no seu País

Vem da pág. 1 —

Chemarin, campeão mundial de «endurance» nesse ano, que o encorajou a experimentar. Corria o ano de 1981.

A impressão foi tal que o aspirante a piloto experimentou, iniciando os contactos com o asfalto das pistas de Mans, Noharo, Marseille, etc.

O saldo: sete provas, sete quedas. E nesse ano o português rece-

beu o «alho pôrro», troféu anualmente entregue ao pior piloto da equipa.

O Triunfo

No ano seguinte, auxiliado por uma modesta equipa francesa, Alexandre Laranjeira viu a sorte mudar, depois de muito trabalho: excelentes tempos, vitórias decisivas e... a sagração como campeão de França, zona norte, com a sua «Yamaha 125».

Em 83 o português José Ferro, residente em Paris, onde é dono de uma oficina de motorizadas, patrocinou a corrida do Alexandre de novo na prova nacional. Os resultados foram bons, depois de afastado o fantasma da desclassificação, por a organização ter «descoberto» a sua nacionalidade e pretender obrigá-lo a naturalizar-se francês. «Espero morrer português», dir-nos-ia nessa altura o piloto, que preferia desistir das corridas a abdicar da cidadania.

Em Agosto desse ano, este jovem franzino e moreno esteve a passar férias na sua terra natal. Aproveitando a oportunidade, foi ao XXVII Circuito de Vila do Conde, onde fez maravilhas ao volante da máquina menos potente das que se

apresentaram na grelha de partida. Os críticos da especialidade elogiaram o seu estilo e o 7.º lugar na geral justifica em parte porquê.

A vitória mais ambicionada

Contactado pela equipa J. Pimenta, disputou este ano o Campeonato da Europa em 250 cc, correndo em pistas de 7 países. Resultados modestos: 3 quedas, duas desistências forçadas, um 12.º e um 20.º lugar entre 40 pilotos. O Alexandre parecia não se entender com os circuitos estrangeiros. Até que em Sines, no seu país, a vitória lhe sorriu enfim: melhor tempo nos treinos, vencedor da prova e «records» de pista.

E o piloto, que deixara em França

a filha recém-nascida, justamente no dia em que saía para correr em Portugal, apressou-se a dedicar-lhe a vitória: «A Lucie...».

Projectos para o futuro

Para 85, como vai ser? A resposta dele está preparada: «Se encontrar patrocínios para continuar a correr, participarei no Europeu outra vez; se não for esse o caso, terminarei aqui a minha carreira de piloto internacional».

Fazendo uma estreia como a que fez em Portugal, conhecido o seu currículo, não haverá qualquer resposta para esta promissor motociclista?

«Jornal de Esposende»